

CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12186

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DE ENFERMEIROS-DOCENTES

Education of ethnic-racial relations in nursing education: an analysis from the point of view of nurse-teachers
La educación de las relaciones étnico-raciales en la enseñanza de la enfermería: un análisis desde el punto de vista de las enfermeras-docentes

Íria Ramos Oliveira¹ 
Adrize Rutz Porto² 
Marina Soares Mota³ 

RESUMO

Objetivo: conhecer a visão de Enfermeiros-docentes da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sobre a educação das relações étnico-raciais no currículo de formação do Enfermeiro. **Método:** estudo de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Participaram 12 Enfermeiros-docentes da instituição em estudo. As entrevistas foram realizadas em ambiente virtual de março e abril de 2022. O conteúdo produzido foi transcrito na íntegra e tratado através da análise de conteúdo. A pesquisa seguiu todos os princípios éticos. **Resultados:** a educação das relações étnico-raciais não está no currículo do curso. Os participantes se sentem despreparados para um debate aprofundado sobre a temática. Também relatam que os entraves para a inserção no currículo estão associados à construção individual de cada docente e da sociedade brasileira. **Considerações finais:** se observa a necessidade uma ampliação no debate sobre a inserção da temática no currículo do curso e sua importância para a formação do profissional enfermeiro.

DESCRITORES: Educação em enfermagem; Currículo; Relações raciais.

^{1,2,3}Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Pelotas, Brasil.

Recebido em: 01/11/2022; Aceito em: 03/04/2023; Publicado em: 02/09/2023

Autor correspondente: Íria Ramos Oliveira iria_oliv@hotmail.com

Como citar este artigo: Oliveira IR, Porto AR, Mota MS. Educação das relações étnico-raciais na formação do enfermeiro: uma análise a partir da visão de enfermeiros-docentes. R Pesq Cuid Fundam [Internet]. 2023 [acesso ano mês dia];15:e12186. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12186>



ABSTRACT

Objectives: to know the vision of nurse-teachers from the College of Nursing of the Federal University of Pelotas about the education of ethnic-racial relations in the nurse training curriculum. **Method:** : qualitative, exploratory and descriptive study. Twelve nurse-teachers from the institution under study participated. The interviews were conducted in a virtual environment in March and April 2022. The content produced was transcribed in full and treated through content analysis. The research followed all ethical principles. **Results:** education of ethnic-racial relations is not in the course curriculum. The participants feel unprepared for an in-depth debate on the theme. They also report that the obstacles for its insertion in the curriculum are associated with the individual construction of each teacher and of Brazilian society. **Final considerations:** it is observed that there is a need to expand the debate about the insertion of the theme in the course curriculum and its importance for the training of nursing professionals.

KEYWORDS: Education, Nursing; Curriculum; Race relations

RESUMEN

Objetivos: conocer la visión de los enfermeros-docentes de la Facultad de Enfermería de la Universidad Federal de Pelotas sobre la educación de las relaciones étnico-raciales en el currículo de formación del enfermero. **Método:** estudio de naturaleza cualitativa, exploratoria y descriptiva. Participaron 12 enfermeros-docentes de la institución en el estudio. Las entrevistas se realizaron en un entorno virtual en marzo y abril de 2022. El contenido producido se transcribió en su totalidad y se trató mediante un análisis de contenido. La investigación siguió todos los principios éticos. **Resultados:** la educación de las relaciones étnico-raciales no está en el plan de estudios. Los participantes no se sienten preparados para un debate en profundidad sobre el tema. También informaron que los obstáculos para la inserción del tema en el currículo están asociados a la construcción individual de cada profesor y a la sociedad brasileña. **Consideraciones finales:** es necesario ampliar el debate sobre la inserción del tema en el currículo del curso y su importancia para la formación de los profesionales de enfermería.

PALABRAS CLAVE: Educación en enfermería; Curriculum; Relaciones raciales

INTRODUÇÃO

As relações étnico-raciais são entendidas como as estabelecidas entre grupos sociais distintos e seus indivíduos, construído por ideias e conceitos de diferenças e semelhanças no que diz respeito ao pertencimento racial. A educação das relações étnico-raciais surge como uma reeducação dessas relações entre negros e brancos a partir de uma pedagogia voltada para o combate ao racismo.^{1,2}

Reconhecer a cultura e a história afro-brasileira exige a adoção de estratégias pedagógicas para a valorização da diversidade, dos processos históricos e de resistência com objetivo de superar as desigualdades étnico-raciais em todos os níveis da educação escolar brasileira.¹ As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) entram em consonância ao evidenciar a importância da implementação de conteúdos que abordem as relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira e africana nos cursos da área da saúde, no sentido de contribuir para o combate ao racismo e a compreensão das especificidades decorrentes das iniquidades em saúde que levam ao adoecimento e morte da população negra.³

Mesmo que se comemore avanços a partir da transformação dos currículos com uma maior articulação com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), a discriminação racial segue silenciada dentro das práticas de educação em saúde. Assim, a formação nega aos enfermeiros uma preparação adequada para trabalhar com a diversidade, privilegiando as ações mecanicistas, deixando de fora as especificidades e individualidades de cada usuário.^{4,5}

Para que o enfermeiro compreenda as relações étnico-raciais é necessário que ele tenha suporte na graduação com a inserção da temática nos Projetos Pedagógicos Curriculares (PPC) e nas práticas pedagógicas.⁶

Ainda é escassa a produção científica que versa sobre a educação das relações étnico-raciais nas instituições de ensino superior em saúde, em especial nos cursos de enfermagem. Estudos isolados estão sendo publicados no que diz respeito a discussões sobre a implementação de disciplinas que abordem o tema dentro dos currículos acadêmicos e em cursos de pós-graduação, justificando a necessidade de mais produções científicas que corroborem com o aprofundamento do debate.⁷⁻⁹

A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (FEn/UFPel) foi criada em 1976 por Portaria nº 01/76, sendo reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) pela portaria nº 402 de 24/06/80. O curso tem duração de cinco anos, com carga horária de 5.000 horas, divididas em componentes básicos, componentes específicos, estágio obrigatório, formação complementar e formação livre.¹⁰ Tendo conhecimento sobre a obrigatoriedade da inserção da educação das relações étnico-raciais no currículo de todos os níveis escolares, este artigo tem por objetivo conhecer a visão de Enfermeiros-docentes da FEn/UFPel sobre a educação das relações étnico-raciais no currículo de formação do Enfermeiro.

MÉTODO

Trata-se de estudo de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Os participantes do estudo foram os Enfermeiros-

-docentes da FEn/UFPel selecionados conforme a técnica de snowball, “Bola de Neve”. Foram convidados 20 enfermeiros-docentes, sendo que oito recusaram a participação. Apenas um convidado recusou expressamente por não se sentir à vontade em responder aos questionamentos sobre o tema, também foi considerado recusa quando não houve retorno dos convidados em mais de três tentativas de contato. Tendo em vista o número de convites e de entrevistas realizadas, se atingiu o ponto de saturação na 12ª entrevista.

O informante-chave foi um Enfermeiro-docente com proximidade da pesquisadora e que se encaixava dentro dos critérios de inclusão: ser Enfermeiro-docente do quadro efetivo de professores da FEn/UFPel, no mínimo há seis meses. Os critérios de exclusão foram professores afastados por licença-saúde, ou para aperfeiçoamento durante o período de coleta de dados ou cedidos para outra instituição e os docentes participantes da banca examinadora, orientadora e coorientadora.

O trabalho foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas e registrado sob número: 5.181.481, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 54227621.5.0000.5339. O estudo seguiu os preceitos éticos postulados no Código de Ética dos profissionais de enfermagem, bem como a Resolução nº 466/2012 que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e a Carta Circular nº 1/2021- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde que orienta procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.¹¹⁻¹³

As entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora principal, Enfermeira, discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel (PPGENf/UFPel). A maioria dos participantes tiveram conhecimento da intencionalidade da pesquisadora em realizar as entrevistas durante as disciplinas do mestrado. A coleta de dados aconteceu nos meses de março e abril de 2022 por meio de entrevista semiestruturada com questões norteadoras que contemplavam os objetivos do estudo.

Com o advento da pandemia por Coronavírus foi necessário o uso de tecnologias que permitiram a continuidade das pesquisas, para este estudo foi utilizado o *software* de videoconferência institucional onde foi possível realizar a gravação da entrevista em áudio e vídeo. O primeiro contato com os participantes foi via WhatsApp, onde foi enviado um convite para participação na pesquisa com o *link* de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e outro *link* para a sala virtual onde ocorreu as entrevistas. Se levou em consideração a escolha do participante sobre o dia, data e hora da entrevista.

Já em ambiente virtual e com o gravador do próprio *software* ligado, o TCLE foi lido pelo entrevistador e consentido verbalmente pelo Enfermeiro-docente, após esse procedimento, a entrevista foi iniciada e a gravação mantida. Foram garantidos os princípios éticos da pesquisa com seres humanos de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Também foi respeitada a dignidade e autonomia do participante, os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, os hábitos e costumes.

As entrevistas foram realizadas individualmente, permanecendo na sala apenas a entrevistadora e o(a) participante, cada entrevista durou em média 23 minutos.

Após a realização das entrevistas, o conteúdo foi transcrito na íntegra, literalmente, e os dados foram tratados por meio da proposta operativa de análise de conteúdo, sendo desenvolvida em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação.¹⁴ O anonimato dos participantes foi garantido através do uso da sigla ED que representa Enfermeiro-docente, seguido dos numerais correspondentes às entrevistas realizadas em ordem crescente (Ex.: ED1, ED2, ED3...).

RESULTADOS

Participaram do estudo 12 Enfermeiros-docentes, todos se identificam como mulher cisgênero, com idades que variam de 34 a 67 anos. Segundo a raça/cor, as participantes se autodeclararam, uma preta, uma parda e 10 brancas. Todos possuem título de doutorado e estão há mais de um ano e seis meses como Enfermeiros-docentes na instituição. A seguir os resultados serão apresentados em três categorias.

Educação das relações étnico-raciais e o projeto pedagógico curricular do curso de enfermagem

Os participantes afirmam que consideram importante a educação das relações étnico-raciais na formação do enfermeiro, mas admitem que o tema não é abordado pela Faculdade.

[...] é um tema bastante importante, [...] não temos [...] no espaço universitário [...] dentro da grade curricular exatamente essa discussão. (ED4)

[...] então acho muito importante [...] confesso que a gente não tem no currículo. (ED7)

[...] não temos esse processo de formação dentro da graduação. [...] Considero fundamental ensinar relações étnico-raciais. (ED8)

Os Enfermeiros-docentes entendem o assunto como um tema transversal dentro do currículo do curso, porém não está presente no PPC.

[...] teria que ser um tema transversal, mas eu não identifico assim. Identifico que a gente [...] tem uma aula sobre isso, alguém fala sobre isso, mas não está escrito e descrito [...] no PPC. (ED3)

[...] isso deveria ser realmente dito, [...] deveria estar ali de uma forma explícita não implícita, [...] para mim não está, [...] a gente não discute [...]. (ED9)

Na tentativa de demonstrar que o tema faz parte de seus processos pedagógicos, alguns participantes dizem discutir o assunto com os alunos durante a vivência acadêmica no campo prático, de forma superficial.

[...] Dentro do CAPS [Centro de Atenção Psicossocial], a gente [...] faz essas discussões, mas é voltada para a vulnerabilidade, se a gente olhar essa população, é uma população negra, quando chegam [...] a gente acaba discutindo [...]. (ED4)

[...] eu coordeno um grupo [de usuários do serviço de saúde mental] e aí essas questões étnico-raciais aparecem de determinada forma lá dentro do grupo aí a gente [...] discute com os alunos. (ED5)

[...] eventualmente aparece e aí quando aparece a temática se discute se fala da relevância, da importância. (ED8)

Educação das relações étnico-raciais e o desespero dos enfermeiros-docentes

Nesta categoria se observa que a ausência da temática vai além da graduação, os participantes comentam a falta também na formação docente.

Isso não é trabalhado na questão da formação. (ED1)

Na formação do docente? Zero, zero, não há. (ED3)

[...] a gente não tem esse tipo de discussão na formação do docente [...] eu acho que em nenhum [...] dos meus formadores a gente teve qualquer tipo de discussão direcionada. (ED10)

O despreparo docente se torna a principal justificativa para que o Enfermeiro-docente não aborde o tema durante seu processo pedagógico.

Assim, sei da importância, sei da necessidade, mas ainda não consigo discuti-lo de uma forma mais profunda. (ED2)

[...] e aí eu sinto falta, eu não discuto porque eu também não tenho esse conhecimento. (ED9)

Para alguns participantes, o despreparo docente é minimizado ao se aproximarem da temática através da busca individual por conhecimento.

[...] então eu fui ler os materiais sobre a saúde da população negra, para poder estar trazendo para os alunos e disponibilizando também esses materiais [...]. (ED4)

[...] eu assisto lives, eu estudo, eu vou ler, às vezes tem um aluno que estuda, eu vou estudar também. (ED5)

Educação das relações étnico-raciais e os entraves para a inserção da temática na formação do enfermeiro

Os participantes foram indagados sobre quais são os entraves para a inserção da temática no currículo do curso que lecionam. Para os Enfermeiros-docentes participantes do estudo, os entraves estão associados principalmente à construção individual e social do país.

[...] as limitações nossas enquanto população branca que pensa currículo [...] que não atenta para isso. (ED3)

Eu acho que é um racismo estrutural. (ED4)

[...] são as pessoas que querem dizer que não, que isso não existe. (ED5)

Sua base individual [...] muitas pessoas não compreendem que existe uma diferença e uma questão étnico-racial importante. (ED8)

DISCUSSÃO

A legislação serve como norte para a criação de novos diálogos e novas posturas, impulsionando uma educação transformadora nos processos pedagógicos. As DCNERER, de 2004, não orientam a criação de uma disciplina, mas deixam claro que a temática deve ser trabalhada no currículo. Em 2018, a educação das relações étnico-raciais foi incorporada como um tema transversal nas Diretrizes Nacionais Curriculares para os cursos da saúde, a normativa não traz como os temas transversais devem ser colocados nos currículos, deixando a responsabilidade de como o assunto será trabalhado a cargo das instituições.^{4,15,16}

Mesmo que os participantes tenham considerado relevante a inserção da temática, o PPC de 2013, vigente na instituição, não cita a educação das relações étnico-raciais ou a temática racial na matriz curricular, nas ementas, nos conteúdos programáticos ou no referencial bibliográfico dos componentes curriculares do curso, levando a entender que até então o profissional egresso não recebe, durante a formação, o conhecimento necessário para atuar no combate ao racismo e às iniquidades em saúde da população negra. É necessário uma reorganização curricular para a inclusão da educação étnico-racial no processo de ensino-aprendizagem, ao abordar o assunto como um tema transversal é importante que se leve em conta os problemas da sociedade atual, com a intenção de reverter as relações de poder.¹⁶⁻¹⁸

Quando o Enfermeiro-docente não traz a temática para dentro dos espaços pedagógicos de formação ou quando a aborda de forma rasa, apenas sob a ótica socioeconômica, acaba criando uma lógica reducionista deixando de promover uma análise histórica, social, política e cultural que envolve a diversidade étnico-racial. Além disso, essa lógica reducionista pode contribuir com a manutenção dos estereótipos e com a reprodução do racismo, em especial o científico.¹⁹

Através das falas dos participantes foi possível observar que a visão dos Enfermeiros-docentes sobre a inserção da educação das relações étnico-raciais é confusa. Essa confusão pode estar relacionada a diversos motivos, entre eles o desconhecimento da temática devido, principalmente, à falta de debate dentro da instituição. Quanto maior o nível de aprofundamento teórico, maior será o nível de consciência sobre a importância de se abordar a temática racial na formação do enfermeiro.¹⁸

O PPGEnf/UFPe também falha ao não apresentar disciplinas que carreguem a temática racial no conteúdo programático dos futuros docentes. É importante a construção de um debate para que se adicione a temática em uma disciplina obrigatória dentro do PPGEnf/UFPe. Essa inserção deve ser feita não como uma

obrigação burocrática, mas como uma responsabilidade política e social. Cabe destacar que a criação de uma disciplina optativa pode deixar o assunto somente para os interessados, o que não é ideal, todos os egressos do programa precisam receber as informações necessárias para conduzir atividades pedagógicas que envolvam as relações étnico-raciais.^{18,20,21}

A FEn/UFPel foco do presente estudo, assim como toda a universidade, mantém uma hegemonia branca no corpo docente. Mesmo com a política de cotas que destina 20% das vagas em concurso público para pessoas negras, é nítido que o cargo de magistério superior ainda é representado pela raça branca que mantém sua posição de poder dentro da instituição. O protagonismo branco é responsável por ditar o que será pauta e o que será omitido nos currículos. Se o docente não tem interesse na questão, ou não coloca a mesma importância que atribui para os outros assuntos, terá a tendência de não efetivar o tema, se isentando da responsabilidade de realizar mudanças estruturais, mantendo privilégios historicamente adquiridos.^{19,22,23}

A resistência em se discutir a questão racial também é atribuída ao fato de acreditarem que as oportunidades são dadas a todos, culpabilizando a falta de méritos independente de raça/cor e colocando a discriminação social como o principal e único fator a ser combatido. O mito da democracia racial surge como uma corrente ideológica que vem sendo reproduzida desde os anos 1930 que nega o racismo ao afirmar que as diferentes raças formadoras da sociedade brasileira (branca, negra e indígena) convivem de forma harmoniosa e livre de conflitos, afirmando que a diferença que deve ser combatida é a de classe social. Quando considera que os brasileiros têm igualdade de oportunidades, a sociedade sente um “alívio” pois não quer olhar para a própria população, reproduzindo e naturalizando as desigualdades raciais e suas consequências até os dias de hoje.¹⁹

A dificuldade do Enfermeiro-docente em reconhecer o racismo é um empecilho para a construção de um pensar, fazer, ser e conviver que contribua para o cuidado da população negra. Ao serem ouvidos, foi possível reconhecer o desconforto dos Enfermeiros-docentes ao abordar as questões raciais, esse sentimento se revela quando o indivíduo se depara com o próprio racismo que carrega. Os docentes de forma geral se manifestam como progressistas, a favor das pautas sociais, engajados em diferentes lutas contra opressão, mas quando precisam discutir sobre o racismo o consideram um problema distante, pertencente à sociedade, fora do seu ciclo de relações, sem se envolver diretamente, isentando os colegas e instituição a qual faz parte.^{9,19,23}

O racismo transcende o âmbito da ação individual e institucional, ele é parte de uma ordem social. Ao não abordar as relações raciais dentro da instituição, as situações sociais naturalizadas se tornam corriqueiras e o racismo é livremente praticado na forma de violência explícita ou em microagressões. A única forma de combater o racismo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas, a inserção da temática racial se torna fundamental para enriquecer as discussões dentro do ambiente acadêmico, contribuindo para a construção de um

profissional enfermeiro capacitado para um atendimento livre de discriminações.^{5,24}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, se conclui que mesmo com a obrigatoriedade legal a educação das relações étnico-raciais não está sendo abordada pelo currículo e pelos processos pedagógicos da FEn/UFPel. Tornando assim necessário a ampliação do debate para que os Enfermeiros-docentes e técnicos administrativos educacionais compreendam a importância da inserção da temática na formação do enfermeiro.

O aprimoramento das discussões contribuirá para a reformulação do PPC que deve apresentar de forma explícita como o tema deve ser desenvolvido pelos Enfermeiros-docentes, sendo importante que essa reorganização chegue também à PPGEnf/UFPel responsável pela formação dos futuros Enfermeiros-docentes que estarão capacitados para o ensino voltado à luta antirracista dentro dos espaços acadêmicos e nos serviços de saúde.

Por fim, ainda são escassos os trabalhos científicos que versam sobre a inserção da educação das relações étnico-raciais nos currículos de cursos da Saúde, em especial da Enfermagem, tampouco de produção que associe à docência em Enfermagem e a educação das relações étnico-raciais, comprovando a importância do estudo e da mobilização de atores em prol da inserção da temática na formação e educação permanente dos docentes.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação (BR). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana [Internet]. Brasília: Ministério da Educação; 2004 [acesso em 27 de setembro de 2020]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>.
2. Verrangia D, Silva PBG. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. *Educação e Pesquisa*. [Internet]. 2010 [acesso em 21 setembro 2021];36(3). Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300004>.
3. Monteiro RB, Santos MPA, Araújo EM. Saúde, currículo, formação: experiências sobre raça, etnia e gênero. *Interface*. [Internet]. 2021 [acesso em 06 de setembro 2021];25(e200697). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200697>.
4. Rizzo TP, Fonseca ABC. Entre Diferentes e Desiguais: O Currículo e a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Formação Superior em Saúde. In: *Anais do XII ENPEC*; 2019 jun 25-29; Natal, Brasil [Internet]. 2019 [acesso em

- 24 de junho de 2022]; Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R0369-1.pdf>.
5. Pereira MG, Soares DP, Silva CRDV, Galiza DDF, Andrade ME, Fernandes MC. Racismo Estrutural: Implicações no processo de trabalho do enfermeiro na atenção primária à saúde. SARANE. [Internet]. 2021 [acesso em 26 de junho 2022];20(2). Disponível em: <https://doi.org/10.36925/sanare.v20i2.1513>.
 6. Santos RA, Neves JV, Pereira MS. Representações sociais de docentes sobre relações étnico-raciais na Educação Básica na Amazônia. Teias. [Internet]. 2020 [acesso em 19 de janeiro 2022];21(62). Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.49725>.
 7. Monteiro RB. Educação permanente em saúde e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações étnico-raciais e para ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Saúde Soc. [Internet]. 2016 [acesso em 25 de março 2021];25(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290201612600>.
 8. Varga I van D. Saúde e sociedade: subsídios para uma estratégia de abordagem da temática étnico-racial no campo da Saúde, no Brasil. Laplage em Revista [Internet]. 2016 [acesso em 07 de junho 2022];2(3). Disponível em: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201623194p.100-112>.
 9. Mendes VS. APRENDIZAGEM DA ARTE E CIÊNCIA DO CUIDAR EM ENFERMAGEM NA UFMT: UMA ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAL. [Mestrado em Educação]. Cuiabá (Brasil): Universidade Federal de Mato Grosso; 2015. [acesso em 24 de junho de 2022]. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/128/1/DISS_2015_Valdeci%20Silva%20Mendes.pdf.
 10. Faculdade de Enfermagem: Universidade Federal de Pelotas [homepage da internet]. Projeto Pedagógico Curso de Enfermagem Universidade Federal de Pelotas. [pdf] 2013. [acesso em de 15 junho de 2022]. Disponível em: <http://feo.ufpel.edu.br/colegiado.php>.
 11. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN nº. 564, de 06 de novembro de 2017. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html.
 12. Conselho Nacional da Saúde (Brasil). Resolução nº. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União 13 de jun de 2013; Seção 1.
 13. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS de 03 de março de 2021. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.
 14. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2014.
 15. Gomes NL. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. Rev. Bras. Pol. Adm. Educ. [Internet]. 2011 [acesso em 19 de janeiro 2022];27(1). Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol27n12011.19971>.
 16. Carlos MC, Costa AF, Pereira LCA, Silva JR, Paulini JI. A educação étnico-racial sob a perspectiva da transversalidade. Rev. Bras. Edu. Cult. [Internet]. 2019 [acesso em 13 de agosto 2022];20. Disponível em: <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/issue/view/99>.
 17. Porto AR, Mota MS, Oliveira IR. Educação das relações étnico-raciais em um curso de enfermagem: análise da matriz curricular. In: Anais do I Congresso Internacional Lélia Gonzales [Internet]. 2022 [acesso em 23 de maio de 2022]; p:424-248. Disponível em: DOI - 10.22350/9786559174492.
 18. Ferreira MG. Educação das relações étnico-raciais e prática curricular de enfrentamento do racismo na unilab. [Doutorado em Educação]. Recife (Brasil): Universidade Federal de Pernambuco; 2018. [acesso em 03 de setembro de 2021]. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32814>.
 19. Gomes NL. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. Cad. Pagu. [Internet]. 2010 [acesso em 01 de novembro 2021];6(7). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>.
 20. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Universidade Federal de Pelotas [homepage na internet] O Programa - Disciplinas [acesso em 03 de setembro 2022]. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pgenfermagem/>.
 21. Bento MES. Branquitude – o lado oculto do discurso sobre o negro. Vozes [Internet]. 2012 [acesso em 03 de junho 2022]. Disponível em: https://www.academia.edu/3104451/Branquitude_o_lado_oculto_do_discurso_sobre_o_negro
 22. Nunes A, Diniz M. Branquitude e suas expressões na carreira de Magistério ABATIRÁ. [Internet]. 2021 [acesso em 04 de agosto 2022];2(4). Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13113>.
 23. Alexandre KCRS, Werneck AL, Chainça E, Cesarino CB. Docência em cursos superiores de enfermagem: formação e práticas pedagógicas. Rev baiana enferm. [Internet]. 2018 [acesso em 01 de junho 2022];32(e24975). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.24975>
 24. Almeida, S L. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.